

# Viagem, em português, pelo universo borgiano

Sara Belo Luís

**JORGE LUIS BORGES GOSTAVA DE RECRIAR HISTÓRIAS.** Às verdadeiras (ou tidas como tal) acrescentava outras ficcionais. Vindas, a maior parte das vezes, de sonhos, de pesadelos ou de livros imaginários. O resultado é uma história borgiana.

Aqui, as fronteiras entre a realidade e a ficção e as habituais concepções do tempo e do mundo deixam de fazer sentido. Questiona-se, pois, além da própria realidade, o seu carácter ficcional. Ou então: não será a ficção mais real do que a própria realidade? O que está em causa é um jogo em dois planos, como o próprio Borges reconheceu: por um lado, o intelectual ou matemático; por outro, o poético.

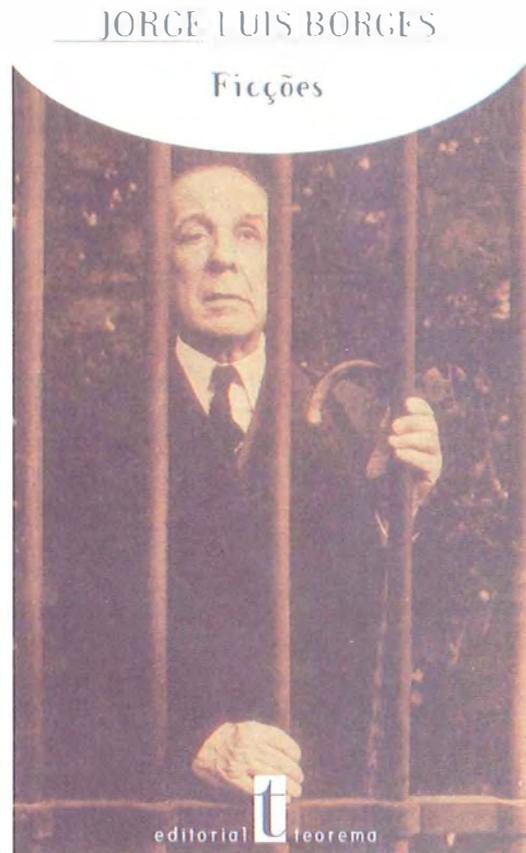
E é assim uma viagem ao universo de Borges. Com tigres, livros, tangos, labirintos, sombras, espelhos, Buenos Aires e muito mais à mistura. Às vezes, com um cheirinho a Portugal — cujos escritores não deixou de influenciar — graças a um marinheiro, de apelido Borges, que um certo dia teria viajado até ao outrolado do Oceano Atlântico.

De resto, é pouco aquilo que em Borges está definido: pense-se nas suas histórias (nunca as dava por concluídas, até mesmo após a publicação), na sua identidade e até no seu próprio nome. Tal como o cubano Guillermo Cabrera Infante escreveu, «*Borges era, como os índios da Pampa, um contraditório*»<sup>1</sup>.

Até mesmo depois da sua morte, em 1986, não parou de gerar polémica. Só recentemente o problema da herança dos direitos de autor (que já começa a tornar-se clássico no mundo das letras) ficou resolvido. Maria Kodama — sua secretária durante anos e com quem Borges veio a casar, em segredo, dois meses antes de morrer — acabou por ganhar a causa.

É já um lugar comum dizer que Borges foi um dos grandes esquecidos do Prémio Nobel da Literatura, tal como o foram, por exemplo, Joyce ou Kafka. Por três vezes nomeado, Borges tinha

Em Jorge Luis Borges, as fronteiras entre a realidade e a ficção e as habituais concepções do tempo e do mundo deixam de fazer sentido.



cada vez mais admiradores por todo o mundo e, ano após ano, a Academia Sueca parecia ignorá-lo. Como escreve António Alçada Baptista (que traduziu para português *O relatório de Brodie*), a Academia «aguentou, até aos oitenta e sete anos de Borges, este estranho desafio: Borges a escrever cada vez melhor e a Academia a dar o prémio a um escritor cada vez pior»<sup>2</sup>. Borges também não se mostrava rendido: «Penso que os suecos tiveram razão em não mo conceder, pois eu não o mereço». «Os suecos são muito razoáveis. Antes contentavam-se em confirmar reputações. Agora querem revelar escritores», disse ele um dia, numa entrevista.

## Com qual dos Borges estou a falar?

Nasceu em Buenos Aires, na Argentina, a 24 de Agosto de 1899. Com apenas seis anos, Jorge Luis Borges confessa ao seu pai a vontade de ser escritor. Algumas das referências que formam a lenda borgiana é aqui que têm início. Conta-se que, com a sua irmã Norah, criava amigos imaginários e gostava de visitar os tigres no jardim zoológico. (O amarelo — dos tigres — será a única cor que consegue continuar a ver já depois de totalmente cego). Começa nesta altura a escrever histórias, a maior parte delas inspiradas nas suas leituras de Cervantes.

Foi na biblioteca do seu pai que Borges tomou contacto com muitos dos livros que o acompanharão. Ele próprio o reconhecerá, mais tarde, numa entrevista. Aliás, umas das muitas que deu. Nelas, respondia quase sempre a mesma coisa. Porque lhe perguntavam quase sempre o mesmo, queixava-se. Irritar-se-á, facilmente, com a primeira pergunta da praxe: «*Com qual dos Borges estou eu a falar?*».

Na década de 80, uma revista alimentaria esta polémica acerca da sua identidade. Afirmava-se que Borges era uma criação de vários escritores argentinos. E que, quando os seus livros começaram a ser apreciados e a sua presença começava a ser requerida em público, o mesmo grupo de escritores argentinos teria contratado um desconhecido actor italiano para dar corpo a Borges. Não passando de uma simples especulação, a história fez as delícias dos seus admiradores. Bem que poderia ter sido um dos contos de Borges que fariam o imaginário do escritor ainda mais mágico.

Ele próprio, no poema «Borges e eu», escreverá (ou ditará): «*É ao outro, a Borges, que acontecem as coisas. Eu caminho por Buenos Aires e demoro-me, talvez já mecanicamente, a olhar o arco de um alpendre e o guarda-vento; de Borges tenho notícias pelo correio e vejo o seu nome num*

grupo de professores ou num dicionário biográfico. Gosto dos relógios de areia, dos mapas, da tipografia do século XVIII, do sabor do café e da prosa de Stevenson; o outro compartilha dessas preferências, mas de um modo vaidoso, que as converte em atributos de um actor. Seria exagerado afirmar que as nossas relações são hostis; eu vivo, eu deixo-me viver, para que Borges possa tecer a sua literatura, e essa literatura justifica-me. [...] Não sei qual dos dois escreve esta página»<sup>3</sup>.

No fim da década de 50, quando era professor de Literatura Inglesa e Americana, na Universidade de Buenos Aires, apercebe-se da sua cada vez maior popularidade, nomeadamente entre os estudantes. É aqui que começa a falar, não de heterónimos, mas de Borges como se não o fosse. Mais tarde, numa entrevista, dirá: «*Estou farto dele*». Depois, aos 81 anos, afirmará: «*Conformei-me com Borges*».

Dizem que em tudo, incluindo na escrita, era cauteloso e cuidadoso. Das suas histórias, muitos salientam o seu estilo conciso. Influenciado, segundo o próprio, pelo inglês «seco» da sua avó materna, na verdade, Borges nunca escreveu textos longos, nem muito menos um romance (arte na qual, para ele, Conrad era o melhor). Talvez Alçada Baptista esteja também a falar disto quando escreve que a escrita de Borges é «*a arte da comunicação pela palavra devolvida a toda a sua magia inicial*»<sup>4</sup>.

No prólogo de *Ficções*, Borges diz mesmo: «*Desvario laborioso e empobrecedor o de compor vastos livros; o de explicar em quinhentas páginas uma ideia cuja exposição oral cabe em poucos minutos*»<sup>5</sup>.

De resto, esta concisão não se revela apenas ao nível da escrita, mas também no plano das ideias. O próprio Jorge Luis Borges isso reconheceu: «*Não direi que seja um matemático ou um filósofo, mas julgo ter encontrado nas matemáticas e na filosofia algumas possibilidades literárias e sobretudo algumas possibilidades para a literatura que mais me apaixona: a literatura fan-*

*tástica*»<sup>6</sup>. Quando, aliás, uma vez lhe disseram que as suas histórias eram muito admiradas por matemáticos, Borges mostrou-se bastante contente.

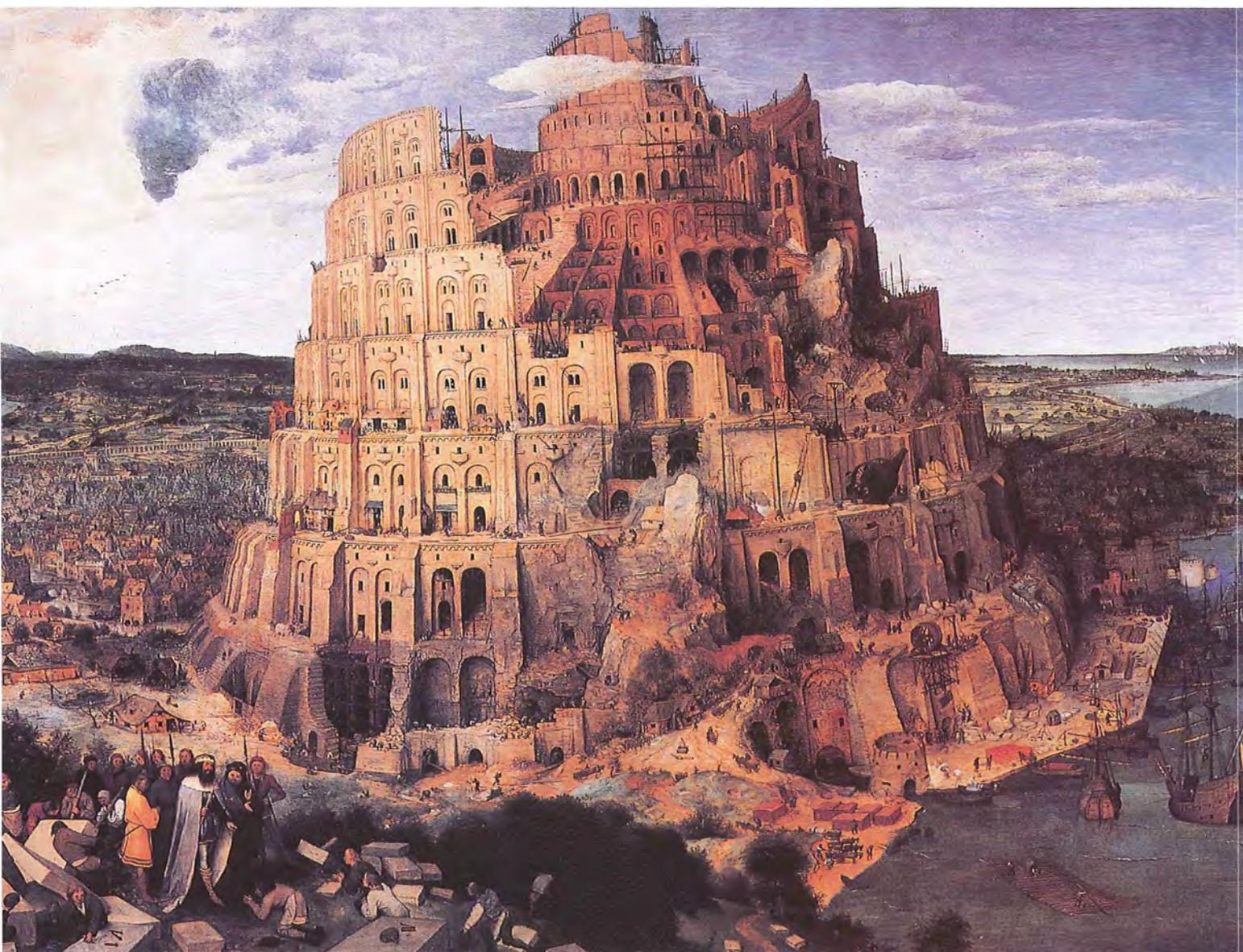
## O labirinto e a biblioteca

Os primeiros contos que escreveu estão, hoje em dia, incluídos em *História Universal da Infâmia*. Até aí, tinha escrito ensaios e poesia: *Fervor de Buenos Aires* (1923), *Lua defronte* (1925), *Caderno San Martín* (1929), *Evaristo Carriego* (1930) e *Discussão* (1932). Como ele próprio disse: «*Nunca tinha escrito contos. E não me atrevia a fazê-lo: sentia-me como um intruso. Era poeta, ensaísta*»<sup>7</sup>. O que é certo é que foi mais como prosador que se tornou conhecido.

A maior parte dos contos de *História Universal da Infâmia* foram inicialmente publicados no jornal *Crítica*, entre 1933 e 1934. Borges chegou mesmo a confessar que escolheu a palavra «infâmia» porque o jornal queria ser popular. Assim, adoptou este título, como ele próprio diz, «*um tanto explosivo*»<sup>8</sup>. Editado em 1954, neste livro contam-se histórias de bandidos onde as personagens são re-criadas e re-inventadas a partir de textos já publicados.

«*Tomei como tema diversas histórias verdadeiras. Mas alguma coisa me dizia que talvez não devesse contar com fidelidade essas histórias [...]. De certo modo para me divertir e, por outro lado, para iludir o leitor; era necessário mudar as próprias circunstâncias, alterar um pouco a geografia, inventar pormenores que dessem impressão de realidade*»<sup>9</sup>, explica Jorge Luis Borges. «*Acrescentei — diz ainda — um pequeno prefácio no qual dizia que não pretendia enganar ninguém, que tinha feito aquilo para me divertir; que nem todos os factos correspondiam à verdade, que algumas histórias tinham sido inventadas, outras captadas em enciclopédias e outras ainda — a maioria delas — meio copiadas, meio inventadas*»<sup>10</sup>.

No conto «A Biblioteca de Babel» assistimos à ideia da biblioteca como concepção do mundo: «*O universo... é constituído por um número indefinido, e talvez infinito, de galerias hexagonais, com vastos poços de ventilação ao centro, cercado por varandas baixíssimas*». Torre de Babel segundo Bruegel «o Velho». Kunsthistorisches Museum, Viena.



49 *Ficções*, editado pela primeira vez em 1944, é talvez o seu livro mais conhecido. Composto de duas partes — «O Jardim de Caminhos que se bifurcam» (1941) e «Artifícios» (1944) —, estas não foram inicialmente publicadas num mesmo

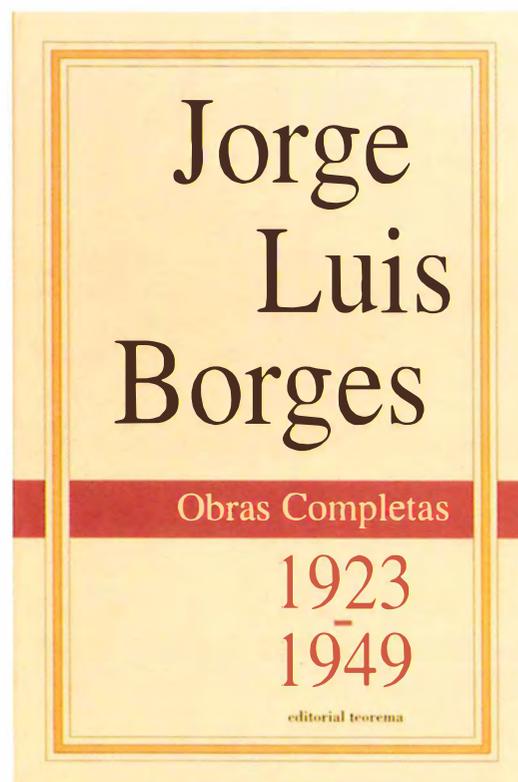
volume. Em «O Jardim de Caminhos que se bifurcam», encontramos contos fantásticos nos quais está presente muito daquilo que forma o universo borgiano. Em especial, nos contos «A biblioteca de Babel» e «O Jardim de Caminhos

que se bifurcam», o tema do labirinto como concepção do espaço e da biblioteca como concepção do mundo. Aliás, o próprio Jorge Luis Borges reconhecerá que na origem deste último estão duas ideias. Por um lado, a do labirinto. Por outro, a do romance policial, «a ideia de um homem que mata um desconhecido para chamar a atenção dos outros»<sup>11</sup>, explica Borges. «Foi por isso — acrescenta — que inventei essa história, aliás bastante inverosímil, do espião que se encontra na Inglaterra, do romance chinês...»<sup>12</sup>.

Foi, de resto, no «Jardim de Caminhos que se bifurcam» que o tema do labirinto foi levado ao extremo. Borges considera a ideia do labirinto perdido mais importante do que a própria história policial que é contada. E confessará: «Divertiu-me a ideia, não de a personagem se perder num labirinto, mas a de um labirinto que se perde a si próprio. Há lá qualquer coisa que achei engraçada e que estimulou verdadeiramente a minha imaginação»<sup>13</sup>.

No conto «A Biblioteca de Babel», assistimos em pleno à ideia da biblioteca como concepção do mundo. Começa exactamente assim: «O universo (que outros chamam a Biblioteca) é constituído por um número indefinido, e talvez infinito, de galerias hexagonais, com vastos poços de ventilação ao centro, cercados por varandas baixíssimas»<sup>14</sup>. Este universo (ou biblioteca) atraía, definitivamente, Borges. Quando era director da Biblioteca Nacional da Argentina comentou a ironia de ter 800 mil livros à sua mercê e, ao mesmo tempo, a escuridão.

O próprio Borges analisou o conto «A biblioteca de Babel». Nele, como em todos os outros, existem duas ideias. Por um lado, «a ideia de uma possibilidade de variação quase infinita partindo de um número limitado de elementos»<sup>15</sup>. Depois, a «ideia abstracta [...] de estar perdido no universo, de não compreender a vontade de encontrar uma solução precisa, o sentimento de ignorar a verdadeira solução»<sup>16</sup>.



Realidade e ficção misturam-se, pois, nas suas histórias. Conta-se que, ao escrever o conto «O Sul», incluído na segunda parte de *Ficções*, Borges se inspirou num acidente que ele próprio teve, em 1938 (também o ano em que o seu pai morreu). Este acidente viria a agravar a sua cegueira. Mais tarde, os médicos viriam mesmo a proibi-lo de ler e escrever. Valia-lhe a mãe e, depois, Maria Kodama, a quem ele ditava os seus textos. Diz-se que quando os ditava tinha já as ideias muito bem organizadas e estruturadas. Talvez a sua cegueira tenha contribuído ainda mais para que a sua imaginação se tornasse cada vez mais frutífera. Ou, como escreveu Cabrera Infante, «Borges não era um cego verdadeiro, [...] a sua cegueira era para emular melhor Milton e Homero»<sup>17</sup>.

*Obras Completas* de Jorge Luis Borges, primeiro de uma série de quatro volumes, a publicar até meados de 1999, assinalando o centenário do nascimento do poeta.

Retrato do poeta quando jovem. Reproduzido de *Obras Completas*, Editorial Teorema.



### Essa «vaga gente»

Borges e os seus livros só começaram a ser conhecidos na Europa em meados da década de 60, muito por via das edições francesas e da atribuição, em 1961, do Prémio Internacional de Literatura, pelo conjunto da sua obra. Aliás, o próprio Borges terá reconhecido isso, numa entrevista: «Sou uma invenção dos franceses porque eles fizeram com que me tornasse visível. No meu país ninguém ainda tinha reparado especialmente em mim».

Em 1980, recebe o Prémio Cervantes. Em Portugal, vai acumulando admiradores. No mesmo ano, visita, pela segunda vez, Lisboa (a primeira tê-lo-ia feito em 1923, em viagem com a família pela Europa) e volta seis anos mais tarde. Os jornais da altura mostram os sucessivos agendamentos de uma ida a Moncorvo — terra dos seus antepassados. Nunca chegou a fazê-lo, mas explicou a Alçada Baptista como imaginava Torre de Moncorvo: «Na encosta de um monte, rodeado de pinhais»<sup>18</sup>.

Como deixou escrito no poema «Os Borges», publicado em *O Fazedor* (1960), «Nada ou bem pouco sei dos meus maiores / Portugueses, os Borges: vaga gente / Cumprindo em minha carne, obscuramente, / Seus hábitos, rigores e temores».

Conhecia Camões, Eça de Queirós e várias vezes referiu que «Borges» deveria ser pronunciado com a pronúncia portuguesa de há dois séculos. Sobre Pessoa, com o qual foi algumas vezes comparado, disse: «La sangre de los Borges de Moncorvo y de los Acevedo (o Azevedo) sin geografía puede ayudarme a comprenderte Pessoa»<sup>19</sup>.

A pouco e pouco, os seus livros vão sendo traduzidos para português. Os primeiros terão sido *Ficções* e *História Universal da Infância*, ainda na década de 60. Depois, já na década de 80, *O Aleph*, *O Livro de Areia* (contos fantásticos), *O fazedor*, *Os Conjurados* (poemas), *O Relatório de Brodie* (contos «realistas»), *Introdução à literatura inglesa*, *Outras Inquisições*, *Nove Ensaios*

*Dantescos* (ensaios) e *Evaristo Carriego* (biografia do poeta, amigo de seu pai, e evocação do bairro onde passou a sua infância).

Um dos livros mais referenciados, publicados em Portugal, é *Poemas Escolhidos* (1971), numa tradução de Ruy Belo. A selecção dos poemas foi, de resto, feita pelo próprio Borges. José Bento, também ele tradutor de Borges (*História Universal da Infância*), escreveu um soneto (*Silabário*, Relógio d'Água, 1992) dedicado a «Ruy Belo, pelas suas traduções de Jorge Luis Borges».

A propósito da sua tradução da *História Universal da Infância*, Bento pensou que, no conto «O Homem da Esquina Rosada», Borges se referia, antes, a «O Homem da Face Rosada». E assim traduziu. Quando Borges veio a Portugal, encontraram-se e o tradutor perguntou-lhe se era realmente assim que deveria ter traduzido. Conseguiram chegar a acordo através da palavra em inglês: «streetcorner». José Bento conclui: «Às vezes, os tradutores procuram as coisas complicadas quando o que lá está é o simples».

Borges, de resto, não gostava deste conto que assinou «com o nome de um avô dos seus avós»<sup>20</sup>, Francisco Bustos. No prólogo da edição de 1954 surpreende-se mesmo com o seu «êxito singular e um pouco misterioso»<sup>21</sup>. Chegou mesmo a dizer, numa entrevista, que o conto era totalmente falso: «Nas antologias, excluo-o sempre». «Sente-se que as personagens são actores em cena. Parece uma ópera italiana», explica.

Agora, foram editadas as suas *Obras Completas* em português, em quatro volumes. Ou melhor, são três volumes e o último é uma compilação de textos dispersos, entre os quais prólogos, conferências, pequenas notas sobre filmes e livros que Borges leu. Borges continua a ter muitos admiradores, não só pelos seus textos — pequenos «apontamentos», chamava-lhes, mas também por aquilo que dizia.

O génio de Borges foi ter uma imaginação extraordinária. Da literatura contemporânea

conhecia pouco, excepção feita a *Cem Anos de Solidão*, de Gabriel García Márquez. Mas, pelo contrário, interessavam-lhe, por exemplo, a cabala, os mitos e as antigas literaturas germânicas (escreveu um livro sobre estas, em parceria com María Esther Vásquez). Dizia-se, de resto, um homem do século XIX, mais do que do século XX.

Com uma cultura enciclopédica, conhecedor de várias línguas, nunca se separou de alguns livros. Um deles, a *Encyclopedia Britannica* — que comprou, aliás, com o dinheiro que ganhou ao ser-lhe concedido o 2.º Prémio Municipal, em 1929, aquando da publicação de *Caderno de San Martín*. Talvez porque uma enciclopédia se desdobra em mil e uma entradas e os seus os volumes se podem percorrer de uns para os outros. Tal como a realidade se desdobra em várias leituras. Como num labirinto.

<sup>1</sup> Guillermo Cabrera Infante, «Borges e eu», *Jornal de Letras*, n.º 727, 26 de Agosto de 1998, pp. 13 e 14.

<sup>2</sup> António Alçada Baptista, *A Pesca à Linha. Algumas Memórias*, Lisboa, Editorial Presença, 1998, p. 125.

<sup>3</sup> Jorge Luis Borges, *Poemas Escolhidos*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1995, pp. 81 e 82.

<sup>4</sup> António Alçada Baptista, *op. cit.*, p. 121.

<sup>5</sup> Jorge Luis Borges, *Ficções*, Lisboa, Livros do Brasil, s.d., p. 7.

<sup>6</sup> Georges Charbonnier, *Entrevistas com Jorge Luis Borges*, Lisboa, Infício, s.d., pp. 18 e 19.

<sup>7</sup> Georges Charbonnier, *op. cit.*, p. 86.

<sup>8</sup> *ibidem*.

<sup>9</sup> *ibidem*.

<sup>10</sup> Georges Charbonnier, *op. cit.*, p. 87.

<sup>11</sup> Georges Charbonnier, *op. cit.*, p. 120.

<sup>12</sup> *ibidem*.

<sup>13</sup> *ibidem*.

<sup>14</sup> Jorge Luis Borges, *Ficções*, Lisboa, Livros do Brasil, s.d., p. 83.

<sup>15</sup> Georges Charbonnier, *op. cit.*, p. 20.

<sup>16</sup> *ibidem*.

<sup>17</sup> Guillermo Cabrera Infante, «Borges e eu», *Jornal de Letras*, n.º 727, 26 de Agosto de 1998, pp. 13 e 14.

<sup>18</sup> António Alçada Baptista, *op. cit.*, p. 123.

<sup>19</sup> José Blanco, «Breve nota bibliográfica sobre los encuentros de Jorge Luis Borges con Fernando Pessoa» in *Revista de Occidente*, n.º 94, Março de 1989, pp. 173-178.

<sup>20</sup> Jorge Luis Borges, *História Universal da Infância*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1993, p. 10.

<sup>21</sup> *ibidem*.